

VISÃO DO CORREIO

Congresso precisa ouvir o recado das ruas

Em todas as capitais do país, as ruas foram ocupadas neste domingo por protestos mobilizados por temas que agitam o cenário político: ameaça à soberania, anistia aos acusados de tentativa de golpe de Estado, blindagem de parlamentares a processos criminais, combate à corrupção, crise na segurança pública, entre outros. Os registros indicam participação popular expressiva em grandes cidades, como Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro — sobretudo em tempos de posicionamentos limitados aos ambientes digitais. Ainda que a reação inicial de alguns parlamentares tenha sido desmerecer as manifestações, o sinal foi claro: para fortalecer as relações democráticas, o Congresso precisa ouvir todos os lados e se aproximar de agendas que, de fato, interessam aos brasileiros.

Relator do projeto da anistia, o deputado Paulinho da Força disse, ainda no domingo, que as manifestações tinham sido o “mais do mesmo” e que ele e aliados iriam se “manter firmes no propósito” de apresentar um relatório mantendo a ideia de reduzir as penas para “pacificar o país”. Há de se ressaltar que os protestos de domingo começaram a ser organizados por artistas e pela sociedade civil três dias antes. Ainda que tenham contado com a participação de partidos políticos, não devem ser entendidos como uma manifestação exclusiva da “esquerda cretina”, como ironizaram apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Líderes parecem ter entendido o recado. Ontem, o presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta, afirmou que “é o momento de tirar da frente todas essas pautas tóxicas”. Até a semana passada, a anistia era urgência, a despeito de estudos indicando que não há possibilidade de ela culminar na pacificação

do país. Pesquisa da Quæst divulgada há uma semana indica que 41% dos brasileiros são contra a anistia; 36% são favoráveis, incluindo o benefício a Jair Bolsonaro; e 10% aprovam apenas para os manifestantes do 8 de Janeiro.

Falava-se em uma articulação entre Senado e Câmara para a aprovação da PEC da Blindagem na semana passada. Ontem, a leitura era de que ela sequer irá ao plenário. Em entrevistas, o relator da PEC na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), senador Alessandro Vieira, enfatizou que se trata de uma proposta para proteger bandidos e que as manifestações deixaram claro o repúdio à ela.

Do alto do carro de som e em vídeos gravados para chamar o povo às ruas, ídolos da cultura nacional trataram de enfatizar que o objetivo não era atacar o Congresso. Ao contrário: fortalecer a política, dar uma resposta “aos horrores que vêm se insinuando à nossa volta”, como definiu Caetano Veloso. Gilberto Gil lembrou que não é a primeira vez que fazem isso: “Nós aqui já passamos por momentos parecidos, sempre em busca da autonomia cada vez maior do nosso povo. Este é um momento em que estamos fazendo de novo essa exigência”, em referência às mobilizações contra a ditadura militar.

Conquistada a duras penas, a democracia precisa ser respeitada, e isso passa pela confiança popular em seus poderes fundamentais. As ruas evidenciaram, neste domingo, que o que tem mobilizado parlamentares não reflete os interesses de parcela significativa da população. O Congresso, pela própria razão de existir, precisa ouvir o recado. É o regime democrático que precisa ser blindado de qualquer ameaça que nos aproxime dos tempos sombrios de perseguição à pluralidade de ideias e à soberania popular.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Qualidade de vida

Hoje, 23 de setembro, celebramos o dia da qualidade de vida no DF, lei sancionada em 2006 pelo então governador Joaquim Roriz. Desde a sua criação, Brasília vem se colocando no cenário nacional como modelo de bem-estar e cidadania. É exemplo na proporção de metro quadrado de área verde por habitante, de respeito ao uso da faixa de pedestre, de água 100% tratada, entre outros mais. Os indicadores do Pnud de renda per capita, de educação e de longevidade colocaram Brasília como primeira cidade no ranking nacional, impondo-nos a responsabilidade de lutar pela manutenção e melhoria desses índices, no sentido de que se amplie essas condições para todos os seus habitantes. Temos consciência de que há um longo caminho a ser percorrido. Cabe ao GDF e à Câmara Legislativa, por meio de uma melhor interlocução com as cidades do Entorno, evitar o crescimento desordenado e imprimir um desenvolvimento sustentável em cinco dimensões: ambiental, cultural, espacial, econômico e social. Só assim, poderão ser implementadas tecnologias sustentáveis e ecologicamente corretas, oferecendo um legado saudável para as futuras gerações. Desde o sonho de Dom Bosco, havia uma predestinação para a grandeza de Brasília, e foi num brado de orgulho e confiança, como diz a melodia, que ela incorporou a sua característica de capital da qualidade de vida.

» **Elizabet Garcia Campos**
Asa Sul

Anac

Recentemente enviamos à Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) um relato do pior voo de nossas vidas, protagonizado por uma empresa nacional, seguramente hoje uma das piores do mundo. Problemas sérios em terra e no ar. Péssimo atendimento, desrespeito a idosos, atrasos no voo e até falta de atendimento a diabético a bordo! Várias normas da própria Anac desrespeitadas! Mas a agência, que deveria defender o consumidor e fiscalizar as empresas aéreas, simplesmente nos mandou procurar os órgãos de defesa do consumidor! Ora, para que serve essa agência?

Receber uma denúncia e se negar a apurar é, no mínimo, prevaricação. Como pode funcionar uma agência sem estrutura, vontade e prioridade na defesa do consumidor? E não é só a Anac. Outras agências têm o mesmo comportamento de defender quem deveria fiscalizar!

» **Elaine Maria Santos**
Asa Norte

Transporte

A Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) decide ajustar a tarifa dos ônibus do Entorno em 2,9% nesta terça-feira. É uma verdadeira falta de respeito com a população. Passagens caras, ônibus sucateados, superlotação e poucas linhas para atendimento ao público. Dessa forma, a ANTT se mostra um órgão que não fiscaliza o transporte!

» **Amanda Lopes**
Brasília

Resiliência

Ao não focarmos na resiliência, não assumiremos formas e contornos para preservarmos o que respeitamos e amamos. Os melhores amigos um dia se afastam. Nem sempre se afastam psiquicamente, mas fisicamente. Alguns mudam de cidade, outros mudam de estilo de vida, se recolhem no deserto das suas atividades. Viver é conquistar, ter experiências, cultura, amigos, um grande amor; viver também é perder, diminuir a destreza muscular, o reconhecimento social. Viver é encantar com os outros e ter expectativas correspondidas; viver também é se desencantar e ter expectativas esfaceladas. O drama e o lírico sempre nos acompanham. O indivíduo que pratica a resiliência vai, ainda que sem ter consciência, construindo ao longo da vida centenas de janelas light em seu inconsciente, que darão sustentabilidade para sua lucidez, ânimo, sensibilidade, sabedoria, tranquilidade. Ainda que se perca a vitalidade física, preservaremos a psíquica, ainda que os aplausos cessem, a vida continuará sendo um show no anonimato.

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras

Desabafo

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Deputado Nikolas Ferreira ironiza manifestações contra a PEC da Blindagem e anistia: “Nem com a Rouanet vingou”. Cada um com seu cada qual. Uns fazem shows, outros, cultos.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Já passou da hora de alguém com bom senso e que tenha vontade política tirar essas passeatas sem crédito algum da Avenida Paulista, região onde estão mais de 10 grandes hospitais. Nesses dias, vira um inferno para quem precisa deles.

Marieta Barugo — São Paulo

Matrículas nos cursos EaD ultrapassam as dos presenciais: medo dos profissionais que vêm por aí!

David Lopes — Brasília

Os cursos superiores estão se tornando mais democráticos por conta da EaD. As pessoas preocupadas com a qualidade desses cursos deveriam cobrar do governo para que melhore a fiscalização.

Paulo Renato Silva — Brasília

A ausência de políticas públicas para quem ama um dependente químico perpetua o sofrimento. A sociedade vê o usuário, mas ignora quem sofre em silêncio.

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

O GDF tem que anunciar uma faixa exclusiva para ônibus na BR-040, de Santa Maria ao viaduto do Gama. Aqui, sim, a gente precisa muito! Além disso, nas ruas de Santa Maria, fazer uma ponte para os ônibus passarem por cima, e os carros, por baixo.

Elias Rodrigues — Santa Maria



RONAYRE NUNES
ronayrenunes@dabr.com.br

A ONU ainda tem razão de existir?

A Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada em um momento delicado das relações internacionais: 1945, no pós-Segunda Guerra Mundial. Na teoria, o objetivo do organismo é “manter a paz e a segurança global, promover o desenvolvimento e os direitos humanos e facilitar a cooperação internacional para resolver problemas econômicos, sociais e humanitários”. Na prática, contudo, a organização frequentemente se vê encurralada na guerra de interesses entre as grandes potências mundiais. É fácil cair no discurso de que a “ONU não serve para nada”. Mas até que ponto a pessimista afirmação é verdadeira?

Se você já questionou a existência do organismo internacional, não se sinta mal: é provável que muitas outras pessoas no mundo tenham passado pelo mesmo pensamento. Em julho deste ano, o próprio presidente Lula criticou o Conselho de Segurança da ONU por ser incapaz de frear o avanço de Israel em Gaza. O líder do Executivo foi categórico ao apontar que a organização sofriria de “perda de credibilidade e paralisia”.

Nos últimos anos, essa percepção parece ter se acentuado. É a guerra na Ucrânia, o colapso da sociedade civil no Haiti, o conflito entre as Forças de Apoio Rápido (RSF) e o Exército do Sudão, os ataques de rebeldes do grupo M23 na República Democrática do Congo, a resistência contra a junta militar em Myanmar e, claro, a tragédia humanitária em Gaza. As crises no mundo não param de crescer. Diante disso, a população global precisa de algo — ou de alguém — para depositar as esperanças de resolução, e o nome que frequentemente aparece é o da ONU.

Os poderes do órgão, contudo, são limitados. No Conselho de Segurança, por exemplo, os “assuntos importantes” só podem ser aprovados com nove votos favoráveis. O detalhe está no “poder de veto”: se um dos cinco membros permanentes (China, França, Rússia, Reino Unido e Estados Unidos) barrar a decisão, a discussão se encerra.

Mas, afinal, a ONU ainda tem razão de existir? Sim, definitivamente.

Hoje, o presidente Lula sobe ao púlpito da Assembleia Geral da ONU para fazer o tradicional discurso de abertura. A posição do presidente não é fácil: diversos desafios devem entrar no discurso.

A reunião é um palco de debates sobre os problemas prioritários da comunidade internacional. Guerras e conflitos mundo afora estarão no centro das discussões entre os representantes de 193 países.

Na preparação para a assembleia, alguns avanços já ocorreram. Canadá, Austrália e Reino Unido reconheceram oficialmente o Estado Palestino neste domingo. A França fez o mesmo no dia seguinte. Durante o evento, há expectativa de que outros países sigam pelo mesmo caminho. A criação do Estado Palestino pode ser o primeiro passo para intensificar a pressão pelo fim do conflito na região.

E, para os que acham que a ONU está distante da realidade cotidiana, vale lembrar: existe a possibilidade de um encontro entre Lula e Donald Trump durante a assembleia. Uma chance de resolver impasses recentes entre os dois países de maneira menos trulculenta do que tem ocorrido.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em emprebo terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h; sábados, das 14h às 21h; domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.uuudapress.com.br